

Chegada do *Manifesto*

LEANDRO KONDER

AS IDÉIAS DE MARX E ENGELS demoraram muito para chegar a serem estudadas no nosso país. Os próprios nomes dos dois pensadores revolucionários custaram a aparecer entre nós.

O fenômeno tem sua explicação: não decorreu pura e simplesmente do acaso, nem resultou da desídia dos brasileiros. As concepções teóricas e políticas elaboradas por Marx e Engels estavam ligadas a uma história diferente da nossa e constituíam a expressão de uma situação bastante diversa daquela em que se encontrava o recém-inventado Brasil no século XIX

A perspectiva dos autores do *Manifesto Comunista* pressupunha a Revolução Francesa, os jacobinos, a *Conjuração dos Iguais*, os sonhos de Saint-Simon e Fourier, bem como o desencadeamento da Revolução Industrial e o início da organização do movimento operário. Na sociedade escravista, sob o Segundo Império, os brasileiros não tinham como reconhecer em toda a sua extensão o significado das idéias dos dois teóricos socialistas.

É atualmente impossível (e provavelmente nunca se conseguirá) apurar com segurança a partir de que momento o nome de Marx passou a ser mencionado no Brasil. No período que se seguiu imediatamente à Comuna de Paris, em 1871, entretanto, Marx já aparece, não como o autor do *Manifesto*, mas como dirigente da Associação Internacional dos Trabalhadores (mais tarde chamada de a Primeira Internacional), que era acusada de ter incentivado e até comandado ações subversivas na França.

Depois, nos anos que se seguiram imediatamente à sua morte, em 1883, Marx volta a aparecer e seu nome é mencionado por alguns intelectuais (os quais, com certeza, na imensa maioria, não o leram) como Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua, Sílvio Romero, Rui Barbosa, Farias Brito e o bem-humorado Machado de Assis, que fez uma crônica divertidíssima sobre um emissário da Associação Internacional dos Trabalhadores que chegara em missão secreta ao Brasil.

Quando Machado de Assis escreveu sua crônica, a Primeira Internacional (a de Marx) já se havia dissolvido (em 1872) e já tinha sido criada a Segunda Internacional (em 1889). E já existiam alguns adeptos dos ideais socialistas

entre nós, sintonizados – embora precariamente – com a movimentação que se fazia na Europa.

Abolida a escravidão negra e proclamada a República, a sociedade sofreu pequenas mas sintomáticas mudanças e surgiram alguns militantes atuando de acordo com a nova proposta vinculada ao nome de Marx. Entre eles: João Ezequiel de Oliveira Luz, Mariano Garcia, Estevam Estrella, Silvério Fontes, Antonio Piccarollo, Alcibiade Bertolotti, Alceste de Ambrys. É quase certo que alguns desses socialistas do começo do século XX leram o *Manifesto Comunista*, muito provavelmente em versão francesa ou italiana.

Na publicação que comunicava a fundação do Partido Socialista (que durou pouco) em 1902, em São Paulo, havia um apêndice com uma lista de livros que eram recomendados para o estudo do *socialismo científico*. E no meio dos textos indicados estava uma edição francesa do famoso panfleto.

Durante muitos anos, ainda, só quem podia ler textos em francês, em italiano, em alemão ou em espanhol tinha condições para acesso direto ao *Manifesto*. Até que, em 1923, o ex-anarquista Octavio Brandão, convertido ao movimento comunista, traduziu o *Manifesto* para o nosso idioma. O texto foi publicado pelo jornal *Voz Cosmopolita*, a partir do número 38 (correspondente a 1º de dezembro de 1923). O jornal era, como se lia na primeira página, o “órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bars e anexos”. Em seguida apareceu em forma de livro, impresso em Porto Alegre (1924), com a indicação: “traduzido da edição francesa de Laura Lafargue (filha de Marx), revista por Engels”. Outra tradução seria feita em 1931, por um tradutor anônimo, e lançada em São Paulo pela editora Unitas.

Depois, as edições se multiplicaram, algumas semiclandestinas em épocas de ditadura, outras acompanhadas por vigorosos esforços publicitários nos períodos de vigência do Estado de direito. Segundo se sabe, as tiragens jamais encaharam.

Leandro Konder é professor do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.